

## CONTRIBUIÇÕES DE SILVA NETO PARA OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SANTA CATARINA

SILVA NETO'S CONTRIBUTIONS TO THE DIALETHOLOGICAL  
STUDIES IN SANTA CATARINA

Antonio Luiz Gubert | [Lattes](#) | [antoniojubert@gmail.com](mailto:antoniojubert@gmail.com)  
Instituto Federal de Santa Catarina | Universidade Estadual de Londrina

Vanderci de Andrade Aguilera | [Lattes](#) | [vanderci@uel.br](mailto:vanderci@uel.br)  
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Neste estudo, é apresentado um breve histórico das pesquisas dialetológicas no espaço catarinense, com foco para os trabalhos pós-obra de Silva Neto (1957[1955]). A partir de um levantamento bibliográfico em material físico e também em meio eletrônico, foram respondidas as sugestões apresentadas pelo autor em sua obra *Guia para estudos dialetológicos*, seção “Sugestões para Estudo”, indicando se as pesquisas foram ou não realizadas conforme a indicação. Os resultados apontaram que todas as sugestões de estudo indicadas pelo autor já foram contempladas, mesmo que parcialmente, em alguma pesquisa e que há estudos dialetológicos bastante consistentes no estado de Santa Catarina. Tais achados são importantes para a Linguística como um todo, especialmente, para a área de Dialetologia, já que preenchem a ausência de um estudo sobre tal tema.

**Palavras-chave:** Dialetologia; Geolinguística; Santa Catarina; Serafim da Silva Neto.

**Abstract:** In this study, we present a brief history of dialectological research in Santa Catarina, focusing on Silva Neto's post-work (1957[1955]). From a bibliographic survey in physical material and also in electronic media, the suggestions presented by the author in his work “Guide for Dialectological Studies (1957[1955]), section “ Suggestions for Study ”, were answered, indicating whether or not the research was carried out as The results showed that all study suggestions indicated by the author have already been considered, even partially, in some research and that there are very consistent dialectical studies in the state of Santa Catarina. Such findings are important for Linguistics as a whole, especially for the area of Dialectology, since they fill the gap of a study on this topic.

**Keywords:** Dialectology; Geolinguistics. Santa Catarina; Serafim da Silva Neto.

## 1 PERCURSO DOS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SANTA CATARINA: UMA INTRODUÇÃO

A dialetologia, para Dubois (1978), é uma disciplina com a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos, estabelecendo seus limites. Para o autor, a área tem como focos: a) a descrição dos diferentes sistemas ou dialetos em que se diversifica uma língua; b) o estabelecimento dos limites geográficos de falares que podem ser tomados isoladamente sem referência aos falares vizinhos ou aos que pertençam à mesma família linguística.

Já para Câmara Júnior, (2011, p. 94-95), a dialetologia pode ser entendida como “[...] o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Acrescenta, ainda, que há duas técnicas para o desenvolvimento da dialetologia: a da Geografia Linguística, que busca a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, e a da “[...] descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região” (CÂMARA JÚNIOR, 2011, p. 94-95), compondo gramáticas e glossários regionais.

A Geolinguística ou Geografia Linguística, então, ocupa-se da projeção em mapas das ocorrências dialetais e pode ser definida como o “[...] estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes” (DUBOIS, 1978, p. 307). Jordan (1962, p. 273, nota 100), ao comentar as contribuições de Adolphe Terracher, diz que, para esse estudioso, a geolinguística “[...] significa a representação cartográfica do material linguístico com o objectivo de determinar a repartição topográfica dos fenómenos fonéticos”. Desse modo, pode ser considerada como um método de coleta e análise de dados, uma nova metodologia para o estudo da linguagem, não exatamente<sup>1</sup> uma ciência.

Nas palavras de Castilho (1973), a dialetologia é uma das mais brilhantes afirmações da Linguística Românica e um de seus campos mais desenvolvidos.

A origem dos estudos dialetológicos antecede a criação da área. Há relatos sobre pesquisas bastante antigas envolvendo dialetos<sup>2</sup>, mas somente no século XIX, como será visto com mais detalhes em seguida, a área passou a ser sistematizada.

No Brasil, é possível considerar o trabalho de Domingos Borges de Barros nessa linha, conforme palavras de Cardoso (1999, p. 1, grifo do autor):

A primeira manifestação, porém, que se pode caracterizar de natureza dialetal sobre o português do Brasil deve-se a Domingos Borges de Barros,

<sup>1</sup> Para mais detalhes, ver a obra de Romano (2013).

<sup>2</sup> Como, por exemplo, o estudo do linguista alemão Georg Wenker, em 1876.

Visconde de Pedra Branca, que escreveu, em 1926, quando ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneta Adrien Balbi, um informe sobre *‘les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal’* o qual vem inserido às páginas 172-175 da *Introduction à l’Atlas ethnographique du globe*. Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil.

A partir da contribuição do Visconde de Pedra Branca, são iniciados os estudos dialetais no Brasil que, dependendo do autor, podem ser divididos em até quatro fases: Nascentes (1953) divide-os em duas; Ferreira e Cardoso (1994) em três; Mota e Cardoso (2006) em quatro.

Para este estudo, será considerada a divisão proposta por Mota e Cardoso (2006), ampliando-a para o espaço e tempo determinado para esta pesquisa: a) 1ª fase - de 1826 a 1920; b) 2ª fase - de 1921 a 1952; c) 3ª fase - de 1953 a 1996; d) 4ª fase - de 1996 aos dias atuais.

Romano (2013, p. 203) comenta sobre a divisão proposta por Mota e Cardoso (2006):

De acordo com as autoras, cada uma dessas fases tem em seu marco inicial e final obras ou iniciativas científicas que visam ao desenvolvimento dos estudos dialetais. Grosso modo, a primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da produção de obras de caráter lexicográfico. A segunda, pela produção de obras de caráter monográfico, específicas de determinada região, além da produção de obras gerais sobre o português do Brasil. A terceira fase caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação. A quarta fase refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades.

Nesse sentido, busca-se aqui investigar informações publicadas na terceira fase, a qual se estende até a quarta e abarca os dias atuais. Para tanto, serão utilizadas as questões de pesquisa apontadas por Silva Neto (1957[1955], p. 43), na seção “sugestões para estudo”, que nada mais são que possibilidades de estudos no espaço delimitado do estado de Santa Catarina.

Os resultados do levantamento de dados poderão contribuir para a Linguística como um todo – especialmente para a área de Dialectologia –, já que buscam evidenciar todo o percurso histórico das pesquisas dialetológicas no espaço catarinense e trazendo à tona possíveis lacunas que devam ser preenchidas.

## 2 PESQUISAS DE GRANDE ABRANGÊNCIA

### 2.1 O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)

O projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), de abrangência regional, nasce em 1982, com o objetivo de discutir recursos e meios para dinamizar os estudos nas áreas de Geografia, Linguística, Bilinguismo e Variação Linguística, que passaram a constituir três grupos de trabalho; e reunia professores representantes de quatro universidades brasileiras, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O projeto, de abrangência regional, é constituído por três grupos de trabalho: 1) Atlas Linguístico e Etnográfico; 2) Bilinguismo; 3) Variação Linguística.

Como propósitos, o VARSUL objetivou oferecer:

- a) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; b) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; c) condições para formação de novos pesquisadores; d) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas (VARSUL, 2020, n.p.).

Quanto à metodologia, seguiu-se a linha laboviana. Os dados foram transcritos em três linhas: com notações ortográficas, outra com as variações e, na terceira, uma classificação morfossintática dos itens, acrescida de alguns registros de estilos da fala.

Depois de transcritos, os dados foram armazenados eletronicamente. A PUC/RS encarregou-se de converter os áudios originais de cassete para CD (Compact Disc). Hoje, o projeto constitui-se do Banco de Dados VARSUL e da Amostra Digital VARSUL: “O Banco de Dados VARSUL fornece dados empíricos para trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, e também serve como fonte para diversas pesquisas na área de Sociolinguística” (VARSUL, 2020, n.p.). Além disso, é composto por 288 entrevistas, de zonas urbanas, com abrangência de quatro cidades de cada um dos estados da região Sul: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati).

A Amostra Digital VARSUL é formada por trechos de áudios, com duração entre cinco e 15 minutos, de 40 entrevistas: 24 das capitais do Sul do Brasil (oito de cada capital), oito da amostra Monguilhott<sup>3</sup> e oito da amostra Brescancini e Valle<sup>4</sup> – os dois últimos, representativos de zonas rurais de Florianópolis.

<sup>3</sup> De autoria da pesquisadora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

<sup>4</sup> Em referência às pesquisadoras Cláudia Regina Brescancini e Carla Regina Martins Valle.

De acordo com a página do projeto<sup>5</sup>, o banco de dados continua sendo ampliado, com o acréscimo de amostras de todas as sedes: “À amostra básica, constituída de informantes sem curso superior, distribuídos por grau de escolaridade, sexo e faixa etária (acima de 25 anos), outras vêm sendo acrescentadas, contemplando novas regiões, diferentes faixas etárias, bem como níveis de escolaridade” (PROJETO VARSUL, 2020, n.p.).

Ademais, é importante ressaltar que o VARSUL já gerou inúmeros trabalhos científicos, tanto de alunos de graduação, bolsistas de iniciação científica, como mestrandos e doutorandos, confirmando sua relevância científica.

## **2.2 O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**

Santa Catarina, ao contrário do estado vizinho Paraná, bem como de outros estados da nação, não conta com um atlas linguístico exclusivo. O que há disponível são estudos que envolvem a Região Sul como um todo, por exemplo, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Este, inclusive, é o primeiro atlas a não se limitar ao estudo de um único estado de modo isolado – que se justifica pelo interesse dos pesquisadores em delimitar áreas linguísticas para além dos limites interestaduais.

A 1ª edição do documento data de 2002, quando da publicação do volume 1: Introdução, e do volume 2: Cartas fonéticas e morfossintáticas. Na sequência, vieram: Introdução & Cartas Fonéticas e Morfossintáticas (2. ed., 2011); e Cartas Semântico-Lexicais (2011) (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002a, 2002b).

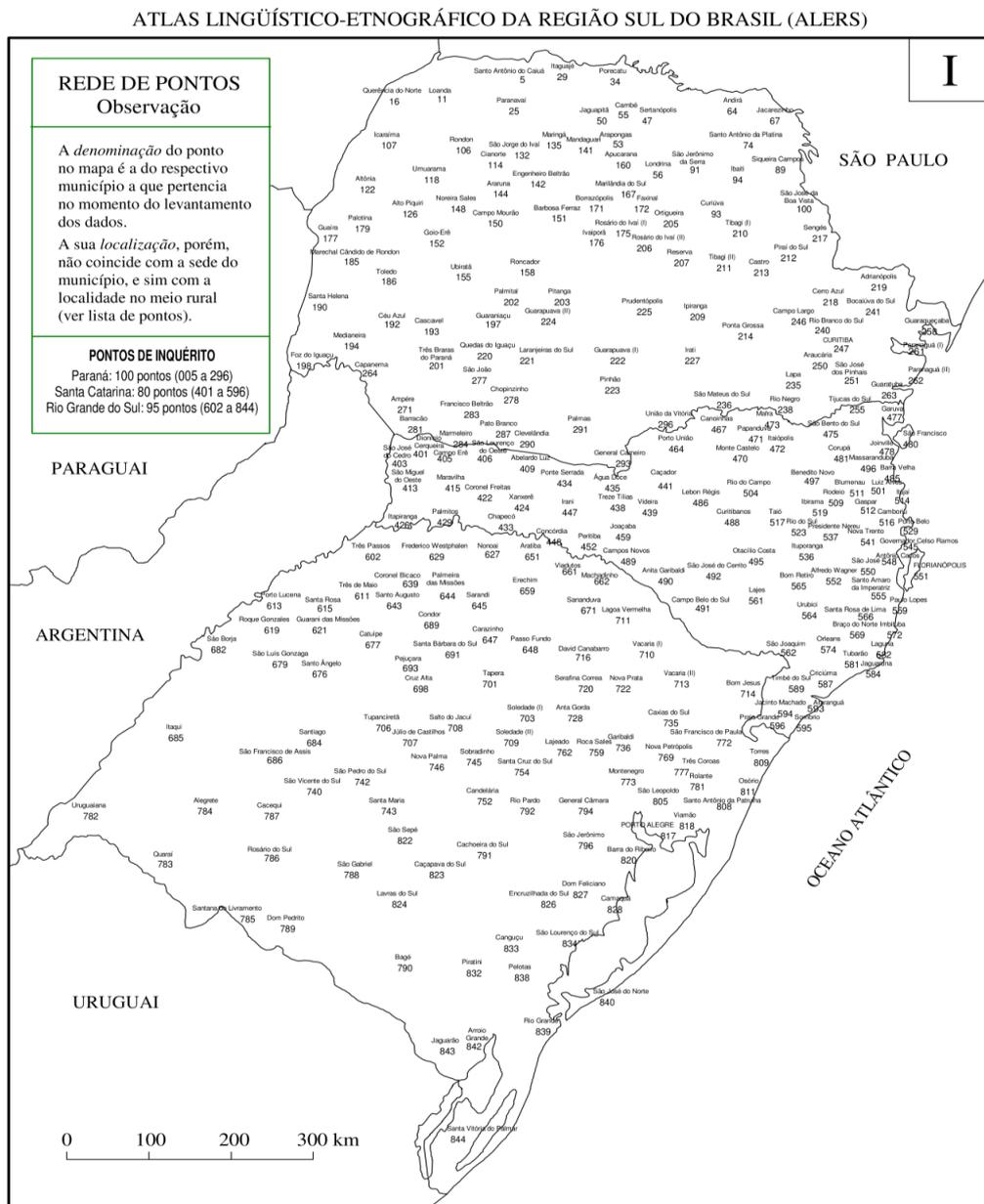
O projeto é de natureza interinstitucional, composto por pesquisadores da UFPR, UFSC e UFRGS, que coletaram dados em uma rede de pontos de 294 localidades não urbanas: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina, e 95 no Rio Grande do Sul, aos quais se somam os dados obtidos de 19 pontos urbanos, para análise da variação diastrática. São aproximadamente 1.127 horas de gravação, com cerca de 300.000 dados linguísticos do português falado na área em estudo.

A ênfase do ALERS recai sobre a variação diatópica, monodimensional, do português rural falado pelas classes menos escolarizadas na Região Sul do Brasil. Além disso, no atlas estão registradas as variantes linguísticas com maior probabilidade de serem as mais frequentes e representativas do ponto de inquérito, não sendo, portanto, as únicas formas existentes. A Figura 1 mostra a rede de pontos do ALERS:

---

<sup>5</sup> Endereço eletrônico do Projeto VARSUL: [https://www.varsul.org.br/amostra-digital-varsul.php?\\_lng=br](https://www.varsul.org.br/amostra-digital-varsul.php?_lng=br)

Figura 1 – Rede de pontos do ALERS.



Fonte: Projeto ALMA (2017).

É um território bastante abrangente e foi preciso trabalho árduo para encontrar falantes de ambos os sexos<sup>6</sup>, acima dos 35 anos, que se dispusessem a responder o inquérito. Com os resultados, “[...] dispõe-se, desta maneira, de um valioso banco de dados linguísticos, representativo sobretudo da variedade do português falado pela população rural de baixa escolaridade, na Região Sul do Brasil”<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Da relação de informantes constam apenas os do sexo masculino.

<sup>7</sup> Informação disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291),

### 2.3 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

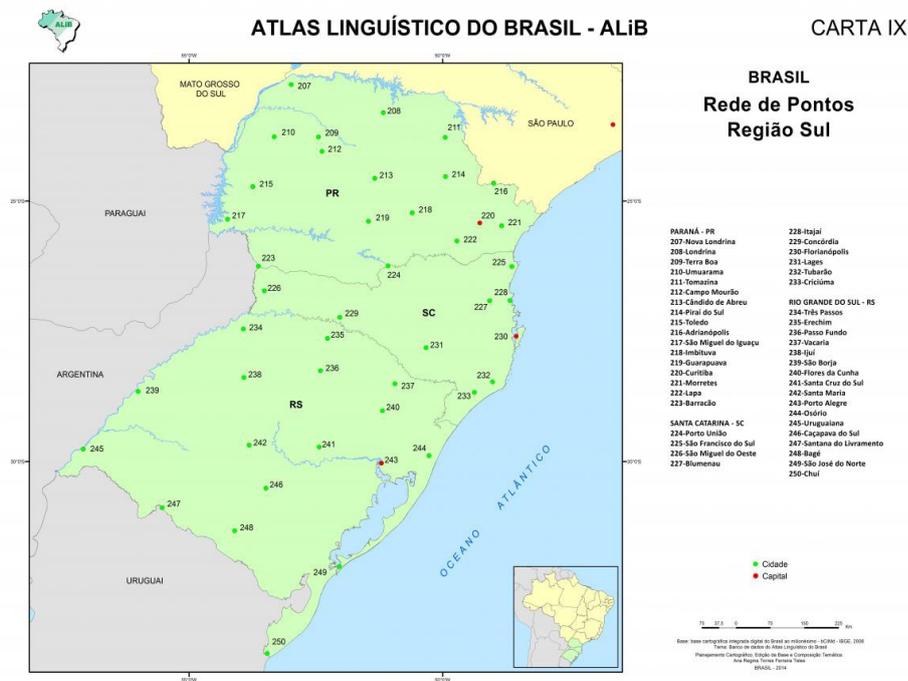
O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é considerado como um estudo de grande abrangência, já que envolve todo o território nacional, e tem como meta de criação de um atlas geral do país. Do empreendimento, sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), participam pesquisadores de 12 universidades sob a coordenação de um Comitê Central.

O trabalho ainda está em execução, contudo, em 2014, já foram lançados o volume I (Introdução); e o Volume II (com 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado). Os próximos volumes previstos, segundo o site do projeto<sup>8</sup>, “[...] darão conta dos resultados das 225 localidades, distribuídas por todos os estados da federação, e dos demais dados das capitais” (ALiB, 2020).

Quanto aos procedimentos metodológicos, o projeto se fundamenta na geolinguística contemporânea, “priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar” (PROJETO ALiB, 2020, n.p.).

A rede de pontos conta com um total de 250 localidades, selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais. A Figura 2 mostra a rede total de pontos para o sul do Brasil.

Figura 2 – Pontos para a Região Sul.



Fonte: Projeto ALiB (2020).

<sup>8</sup> Site do Projeto ALiB: <https://alib.ufba.br/>

Em Santa Catarina, foram selecionados 10 pontos distribuídos de forma a abranger todas as regiões do Estado. Cada cidade recebe um número identificador: 224 - Porto União; 225 - São Francisco do Sul; 226 - São Miguel do Oeste; 227 - Blumenau; 228 - Itajaí; 229 - Concórdia; 230 - Florianópolis; 231 - Lages; 232 - Tubarão; e 233 - Criciúma.

O questionário contempla os vários níveis da linguagem, com a seguinte distribuição: 159 perguntas para o nível fonético-fonológico, às quais se juntam 11 questões de prosódia; 202 perguntas para o nível semântico-lexical; e 49 perguntas para o nível morfofossintático. A esses três tipos de questionário, acrescentam-se quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal –, seis perguntas de metalinguística e um texto para leitura – a “Parábola dos sete vimes”. Ainda, sobre os questionários:

[...] publicou-se uma primeira versão, em 1998, a fim de atender a solicitações de pesquisadores interessados em conhecer e testar esse instrumento da metodologia do ALiB e propiciar as aplicações de caráter experimental previstas e realizadas em diferentes pontos do país. A partir do que revelaram esses inquéritos procedeu-se a uma análise crítica e à reformulação dos questionários com vistas à elaboração da versão final a ser aplicada em todo o território nacional. Essa versão foi recentemente (2001) publicada pela Universidade Estadual de Londrina, em 2001. (ALiB, 2020, n.p.)

Com relação aos informantes, o número total é de 1.100, distribuídos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, de ambos os sexos e com, no máximo, ensino fundamental: “O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, por isso são filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mas também inclui o controle de variáveis sociais tais como idade, sexo e escolaridade” (ALiB, 2020, n.p.). Nas capitais dos estados, foram entrevistados também mais quatro cidadãos com ensino superior, com o controle de idade e sexo conforme já mencionado.

#### **2.4 O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)**

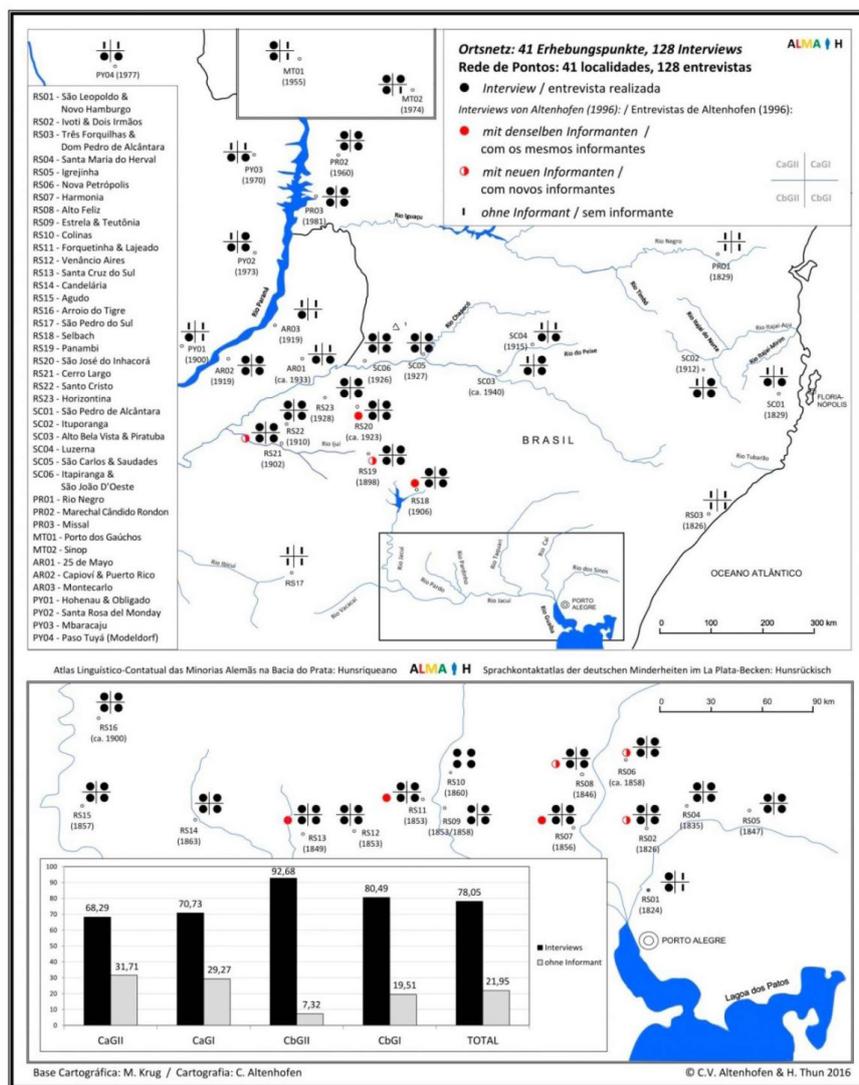
O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)<sup>9</sup> é um grande projeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística da Christian-Albrecht-Universität (CAU), de Kiel, Alemanha, e de Germanística do Instituto de Letras daUFRGS, Brasil, sob a coordenação respectiva de Harald Thun e Cléo Vilson Altenhofen.

<sup>9</sup> Site do Projeto ALMA: <https://www.ufrgs.br/projalma/>

O macroprojeto, de princípio federativo e transnacional, reúne subprojetos das diferentes variedades do alemão, como, por exemplo, o *Hunsrückisch*<sup>10</sup>. Pode-se citar a pesquisa de outras variedades, como o Hochdeutsch, o pomerano, o vestfaliano, entre outras.

O Figura 3 traz a rede de pontos do projeto para a variedade *Hunsrückisch*, com seis pontos em Santa Catarina (SC01 São Pedro de Alcântara, SC02 Ituporanga, SC03 Alto Bela Vista e Piratuba, SC04 Luzerna, SC05 São Carlos e Saudades e SC06 Itapiranga e São João d'Oeste):

Figura 3 – Rede de pontos do ALMA para o *Hunsrückisch*.



Fonte: Projeto ALMA (2017).

<sup>10</sup> O idioma é definido “[...] como uma coiné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida, a partir da primeira metade do séc. XIX, sobretudo ao Rio Grande do Sul, leste de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo” (site do ALMA).

Quanto à metodologia, o ALMA segue o princípio teórico da dialetologia pluridimensional e contatual, combinando “[...] a dimensão diatópica (horizontal), interesse primordial da dialetologia tradicional, com dimensões sociais (verticais), tradicionalmente enfocadas pela sociolinguística”<sup>11</sup>.

O questionário, composto por um total de 442 perguntas mais corpus de leitura, etnotextos e material iconográfico, teve como parâmetros de composição e aplicação os seguintes pontos:

Além 1) da entrevista sistemática para posterior comparação (dimensões diastrática, diageracional e diatópica) e 2) da vinculação a parâmetros de outra dimensão por afinidade de traços (como no caso da dimensão diarreligiosa, atrelada à comparação entre pontos com parâmetros distintos, e da dimensão diatópico-cinética, que contrasta a topodinâmica do comportamento linguístico nas migrações e distintas áreas de ocupação), têm-se pelo menos mais dois caminhos a considerar: 3) análise de dados não-sistematicamente levantados (para o caso p.ex. da dimensão diassexual, em que define *a posteriori*, a partir das entrevistas realizadas, os dados de ambos os parâmetros) e 4) o contraste por meio de instrumentos de coleta de dados distintos. Para a dimensão diafásica, consideram-se p. ex. entrevistas de conversa livre (etnotextos), resposta a questionário e leituras em português e alemão; do mesmo modo, há perguntas específicas para a dimensão diarreferencial (ALMA, 2017).

No total, foram 372 informantes e 128 entrevistas, somando aproximadamente 800 horas de gravação. É de se considerar, então, a complexidade do estudo e a dificuldade relatada de encontrar os informantes ideais para responder o inquérito.

Como resultados do trabalho, estão publicados gratuitamente para *download* no *site* do Projeto três E-books, sendo eles: *Hunsrückisch* em Prosa & Verso (2017); Cartas de imigrantes de fala alemã (2018); e Livro do Inventário do *Hunsrückisch* (2018). Como o projeto ainda está em execução, é de se esperar mais publicações futuras.

### 3 PESQUISAS DE ABRANGÊNCIA MAIS PONTUAL: TESES E DISSERTAÇÕES

Importante considerar o papel fundamental das universidades catarinenses para as pesquisas no campo da Dialetologia. Nessas instituições, especialmente nas públicas, como a UFSC e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), atuam inúmeros pesquisadores e seus alunos, que detêm o árduo trabalho de coleta, análise e sistematização de dados das mais variadas representações de língua do espaço catarinense.

---

<sup>11</sup> Informação disponível no site do ALMA na aba “dimensões”: <https://www.ufrgs.br/projalma/dimensoes/>

É possível citar, por exemplo, o trabalho dos seguintes pesquisadores<sup>12</sup>:

- a) Mário Bonatti (1968) - *O dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia linguística*, tese de doutorado, USP, 1968;
- b) Paulino Vandresen (1974) - *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*, tese de doutorado, PUCRS, 1974, e outras publicações;
- c) Andrieta Lenard (1976) - *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*, dissertação de mestrado, UFSC, 1976;
- d) Oswaldo Furlan (1982) - *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, tese de doutorado, UFRJ, 1982; o livro “*Influência Açoriana no português do Brasil e em Santa Catarina*” e outras publicações;
- e) Fiorelo Zanella (1985) - *A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió - SC*, dissertação de mestrado, UFSC, 1985;
- f) Ivete Marli Boso (1992) - *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*, dissertação de mestrado, UFSC, 1992;
- g) Elias José Mengarda (1996) - *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*, dissertação de mestrado, UFSC, 1996;
- h) Marizete B. Spessato (2001) - *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*, dissertação de mestrado, UFSC, 2001;
- i) Felício Wessling Margotti (2004) - *Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil*, tese de doutorado, UFRGS, 2004; e outras publicações, em especial, em coautoria com Hilda Gomes Vieira;
- j) Antonio Luiz Gubert (2012) - *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*, dissertação de mestrado, UFPR, 2012;
- k) Paula Cristina Merlo Bortolotto (2015) - *O “talian” na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*, dissertação de mestrado, UFFS, 2015;
- l) Clarí Wehrmann (2016) - *A situação do alemão em Tunápolis e Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*, dissertação de mestrado, UFFS, 2016.
- m) Simone Raquel Bernieri (2017) - *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2017;
- n) Elena Wendling Ruscheinsky (2019) - *“Uma vez falando em alemão”: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;
- o) Ana Elizabeht Fornara (2019) - *Aspectos do bilinguismo deutsche-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;
- p) Angélica Kaufmann (2019) - *Manutenção do deutsch e deutsch em contato com o português em Mondai/SC e Saudades/SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;

---

<sup>12</sup> Agradecimento especial ao professor Felício Wessling Margotti (UFSC) pela indicação dos trabalhos.

Como é possível observar, os trabalhos são inúmeros – e vários sequer foram mencionados. Pelas dimensões deste artigo, não será possível analisá-los individualmente, apenas na relação dialógica com a obra de Silva Neto (1957[1955]), que se apresenta a seguir.

#### **4 AS “SUGESTÕES PARA ESTUDO” DE SILVA NETO PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA**

Com base em elementos histórico-geográficos, Silva Neto (1957[1955]) dividiu Santa Catarina em seis zonas principais, a saber:

- 1) Zona de influência açoriana, constituída por grande parte do litoral;
- 2) Zona de influência paulista-bandeirante, constituída pela região serrana;
- 3) Zona ligada ao Paraná e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira norte;
- 4) Zona ligada ao Rio Grande do Sul e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira sul;
- 5) Zona de colonização alemã;
- 6) Zona de colonização italiana.

Essa divisão, contudo, ignora a presença de comunidades indígenas – que estão distribuídas por todo o território do estado, inclusive, com línguas diferentes entre si –, assim como a (pequena, mas existente) zona de fronteira com a Argentina, no extremo oeste do estado. Caberia, então, uma atualização da quantidade das zonas para, no mínimo, oito.

Na sequência, o autor indica que os estudos deveriam dar conta de responder as seguintes questões (1957[1955]) sobre a territorialidade, tais como: a) onde acaba uma região e começa outra?; b) que caracteriza, linguisticamente, umas e outras regiões?; c) qual o grau de aculturação linguístico-etnográfico que se pode observar nas zonas de influência extra-portuguesas?; d) qual a contribuição vocabular dos alemães e dos italianos para o português local?

Como acréscimo, Silva Neto (1957[1955], p. 43) recomenda:

A todas essas perguntas só se pode responder depois de realizar inquéritos *in loco*. Qualquer afirmação que não parte deles é frágil e tem pés de barro. O objetivo final de um grande estudo dialetológico de Santa Catarina será o de estabelecer-lhe as áreas linguístico-etnográficas.

Pelas características sociais da época, como a inexistência de internet e instrumentos tecnológicos para coleta de dados, assim como incipiente desenvolvimento dos transportes, o autor acabou por sugerir a aplicação de inquéritos por modos que hoje podem não ser considerados como os ideais. “Com paciência e tenacidade”, segundo Silva Neto (1957[1955], p. 43), o pesquisador de campo poderia obter dados a partir das seguintes ações:

- 1- Um inquérito por correspondência, confiado aos professores e padres;
- 2- A criação de um corpo de correspondentes voluntários, que se prestasse a ir respondendo aos vários questionamentos que lhes fossem enviados;
- 3- Uma série de inquéritos linguístico-etnográficos *in loco*, destinados quer a oferecer materiais preciosos, quer a ir treinando os pesquisadores;
- 4- A preparação de, no máximo, três inquiridores que, sob a direção de investigador mais experimentado, constitua a equipe realizadora do Atlas Regional de Santa Catarina. (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43-44).

O ponto três, ao contrário dos demais, pode ser considerado ainda hoje como ideal para a coleta de dados. É na pesquisa *in loco*, a partir da coleta de dados por meio de inquéritos abrangentes, que a língua real emerge.

Quanto aos pesquisadores convocados ao trabalho, o autor sugere que devem participar “[...] desde os mais moços até os trabalhadores experimentados da *Comissão Catarinense de Folclore*”<sup>13</sup> (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43). Quanto à metodologia, destaca que “[...] é preciso começar aos poucos, partindo de inquéritos parciais, até poder abarcar o questionário completo, que abranja todas as esferas semânticas” (SILVA NETO, 1957[1955], p.43). Atualmente, com o aumento significativo das Universidades e de programas de Pós-graduação, o trabalho de coleta e análise está nas mãos dos estudantes e pesquisadores, garantindo maior cientificidade aos resultados.

Sobre a composição e a abrangência do inquérito, o autor frisa que “[...] sempre todos os inquéritos devem ter cunho linguístico-etnográfico” e que “[...] talvez fosse de bom alvitre, como treino, estudar bem a Ilha e depois passar ao continente” (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43). Ainda, Silva Neto (1957[1955]) alerta, portanto, para que o inquérito tenha uma composição mais abrangente, buscando evidenciar a língua real. Quanto a iniciar pela Ilha (Florianópolis), considerando que é a capital do estado e local sede da UFSC, é perfeitamente aceitável a sugestão.

Na sequência, o autor apresenta algumas sugestões de pesquisas:

---

<sup>13</sup> Foram encontrados vários documentos virtuais e atuais da Comissão, o que mostra que essa permanece ativa.

- 1- *A pesca em Santa Catarina; suas técnicas e instrumentos. Os peixes.* Podia começar-se pela Ilha e estender-se a todo o litoral;
- 2- *Os animais em Santa Catarina* (ou, para começar, na Ilha de Santa Catarina). Esse estudo engloba não só os nomes dos animais, mas também dos objetos e atividades com eles relacionados;
- 3- *Nomes de partes do corpo humano.* Pode fazer-se o inquérito numa comunidade ou, o que é ideal, em todo o Estado. As pesquisas no terreno podem ser ampliadas com *inquéritos por correspondência*;
- 4- *Nomes para “embriaguez”.* Veja a observação supra;
- 5- *Nomes para “criança”.* Veja a observação supra;
- 6- *A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte*;
- 7- *Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca*;
- 8- *Estudo linguístico-etnográfico da casa.* Com plantas e desenhos;
- 9- *Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois*;
- 10- *A cachaça*;
- 11- *Estudo linguístico-etnográfico das medidas* (para a superfície, para comprimento e para secos e líquidos);
- 12- *Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade*;
- 13- *Estudo das isoglossas do fonema S*;
- 14- *A canoa*;
- 15- *A alimentação*;
- 16- *As plantas*;
- 17- *Nomes para “papagaio de papel”.* (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43-44, grifo do autor).

Todas as sugestões apresentadas por Silva Neto (1957[1955]) serão investigadas neste estudo, verificando se já foram realizados estudos sobre cada um dos itens, assim como a metodologia utilizada e os resultados obtidos. Em exceção, não será comparado o questionário apresentado pelo autor para a coleta de dados com os outros questionários que possam surgir nas pesquisas, considerando que o autor classifica o próprio modelo de inquérito tão somente como um “esboço”.

Para finalizar a seção, Silva Neto (1957[1955], p. 45) apresenta uma última sugestão, que é sobre a responsabilidade, a autoria, das pesquisas: “[...] devo dizer que aos Catarinenses, sobretudo a eles, compete o estudo de sua terra e de sua gente”. A sugestão será considerada como tal, ou seja, apenas como um conselho, não uma determinação.

## **5 Metodologia para a coleta e análise dos dados sobre Santa Catarina**

A pesquisa que deu origem a este estudo traz uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que procura pela quantidade de estudos dialetológicos e reflete sobre os achados. Quanto ao procedimento, é considerada como bibliográfica já que ocorre essencialmente a partir da análise de documentos impressos e virtuais.

Para a coleta de dados, foram consultadas as seguintes plataformas, expostas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1** – Plataformas de dados.

<b>Tipo</b>	<b>Nome</b>
Virtual	ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
Impresso	ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
Virtual	Biblioteca de Teses e Dissertações da UFSC
Virtual	Biblioteca de Teses e Dissertações da UFRGS
Virtual	Biblioteca digital da UEL
Virtual	Projeto VARSUL
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFSC
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFFS
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFRGS
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFPR

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas plataformas, foram procuradas correspondências para as sugestões de estudo apontadas por Silva Neto (1957[1955]) – ver seção anterior deste artigo –, cujas perguntas de pesquisa foram sintetizadas em quatro:

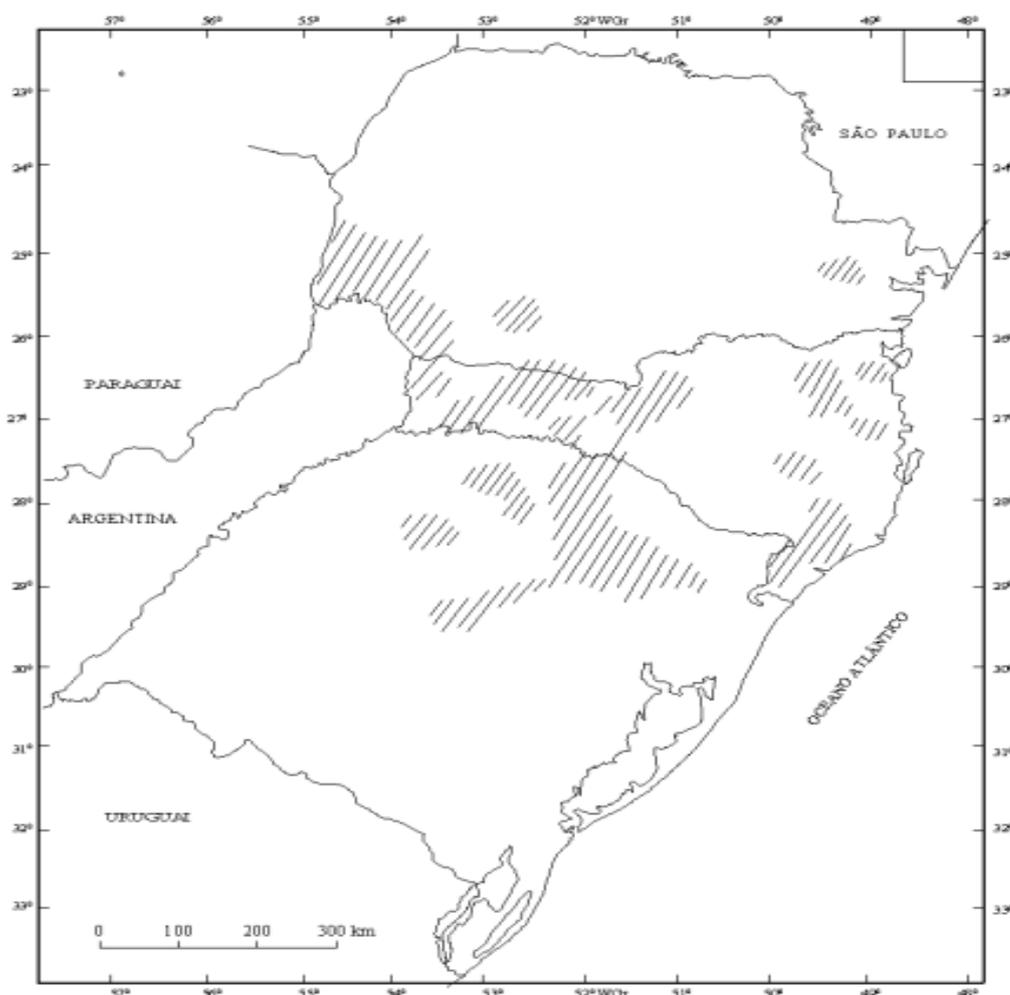
- a) Há alguma proposta de divisão dialetal do estado, estabelecendo áreas linguístico-etnográficas?
- b) Há estudo sobre a contribuição vocabular dos colonizadores?
- c) Se houve algum estudo, os questionários foram de cunho linguístico-etnográfico, aplicados *in loco*?
- d) Há inquéritos investigando os seguintes temas:
  - A pesca;
  - Os animais;
  - Partes do corpo humano.
  - Nomes para “embriaguez”;
  - Nomes para “criança”.
  - A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte;
  - Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca;
  - Estudo linguístico-etnográfico da casa;
  - Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois;
  - A cachaça;
  - Estudo linguístico-etnográfico das medidas;
  - Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade;
  - Estudo das isoglossas do fonema S;

- A canoa;
- A alimentação;
- As plantas;
- Nomes para “papagaio de papel”?

## 6 Resultados

Para a questão (a), se “há alguma proposta de divisão dialetal do estado, estabelecendo áreas linguístico-etnográficas?”, é possível citar que os atlas linguísticos mencionados na primeira seção deste artigo dão conta de estabelecer algumas áreas, assim como quaisquer das teses e dissertações indicadas. O que falta são trabalhos sobre as línguas indígenas em Santa Catarina, que são muitas e pouco estudadas. O Figura 4, extraído de Margotti (2004), traz as áreas bilíngues português-italiano (provavelmente, português-*talian*), exemplificando a existência de divisões dialetais.

**Figura 4** – O português em contato com o italiano no Sul do Brasil.



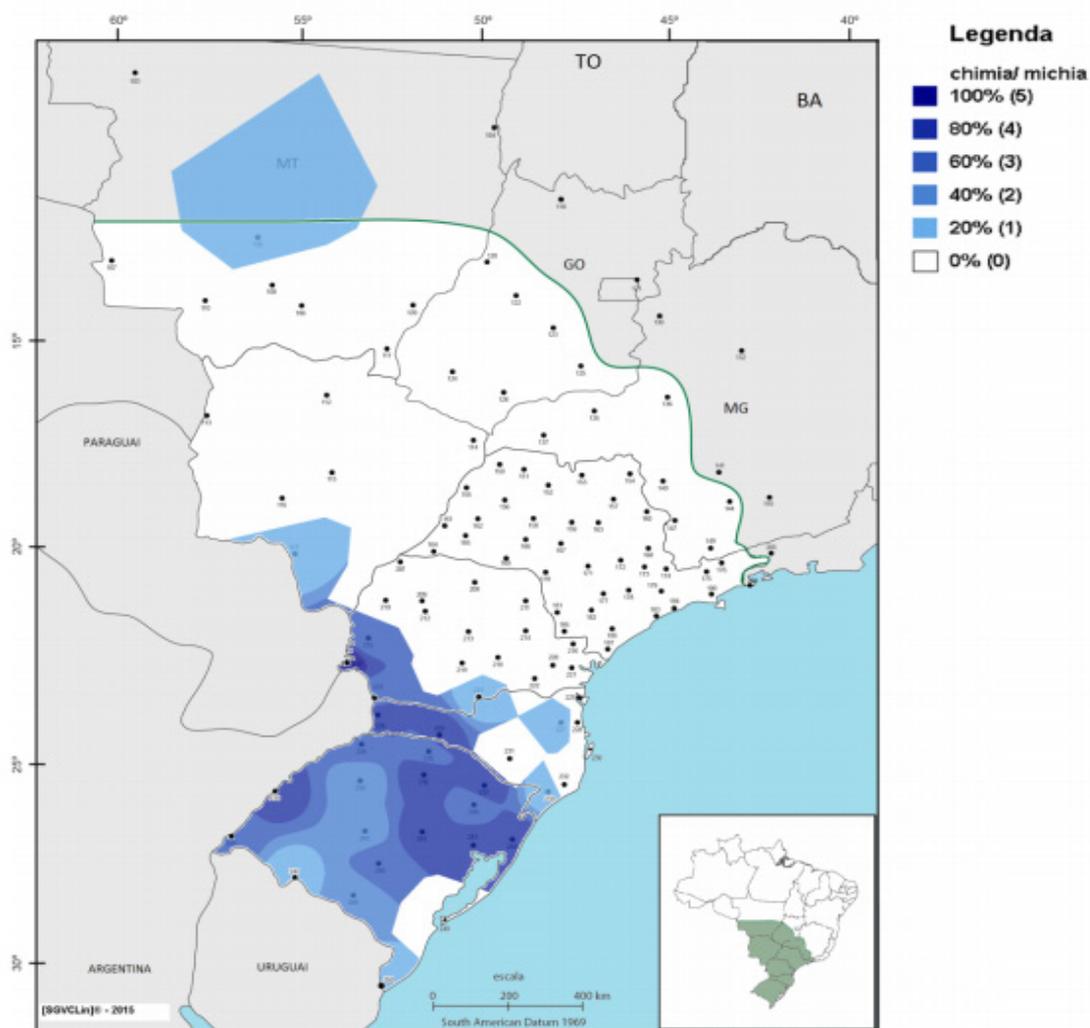
Fonte: Margotti (2004, p. 42).

As áreas mais escuras do mapa (distintas com hachuras) mostram as localidades em que o português e o italiano convivem em regime de bilinguismo. Em Santa Catarina, é possível perceber que essas localidades se concentram no Oeste e se irradiam para o Leste.

Respondendo à questão (b), se “há estudo sobre a contribuição vocabular dos colonizadores?”, podem ser citados, novamente, os projetos maiores, mas é nas teses e dissertações que se encontram os pormenores, como no estudo de Oswaldo Furlan (1982, 1989), *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, e na tese de Romano (2015).

Para exemplificar, trazemos o Figura 5 das ocorrências de “chimia/michia” elaborado por Romano (2015). “Chimia” é um vocábulo trazido pelos colonizadores alemães, forma aportuguesada de *Schmier*, conjugação do verbo alemão *Schmiereren*, que significa “passar [algo] [em outra coisa]” (por exemplo, passar manteiga ou geleia em uma fatia de pão). “Michia” é uma variação de “chimia”.

**Figura 5** – A realidade gradual de chimia/michia.



Fonte: Romano (2018, p. 124).

A pergunta (c) questionava se, havendo estudos, “os questionários foram de cunho linguístico-etnográfico, aplicados *in loco*?”. Como mencionado, há vários estudos, mas nem todos facilitados pelos questionários linguístico-etnográficos. O projeto VARSUL, por exemplo, bem como o ALiB, privilegiam o questionário *linguístico*, mas também contam com perguntas de cunho *linguístico-etnográfico*. Em trabalhos menos amplos, como o de Gubert (2012), o inquérito privilegiou a coleta de dados linguísticos, porém, assim como os estudos mencionados, contou com perguntas de abordagem linguístico-etnográfica.

As “perguntas metalinguísticas” do questionário do ALiB, então, podem ser usadas como exemplos de perguntas *linguístico-etnográficas*. A Figura 6, que segue, traz as questões propostas pelo ALiB:

**Figura 6** – Perguntas metalinguísticas do ALiB.

### PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (citar a cidade onde está)? Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “que falam diferente”?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de \_\_\_\_\_ (citar a cidade onde está)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui?

Fonte: Projeto ALiB, 2020.

Para esclarecer se as últimas sugestões de estudo propostas por Silva Neto (1957[1955]) para Santa Catarina já foram investigadas, recorreremos, outra vez, ao questionário do ALiB, o mais abrangente de todos os questionários pesquisados para este estudo, conforme observamos no Quadro 2.

**Quadro 2** – Comparação das sugestões de Silva Neto com o questionário do ALiB.

<b>Pergunta: Há inquéritos investigando os seguintes temas?</b>	
<b>Sugestões de Silva Neto (1957[1955])</b>	<b>Questionário do ALiB</b>
A pesca	Parcialmente. A questão 50 do questionário fonético-fonológico, por exemplo
Os animais	Questionário semântico-lexical sobre fauna (questões 64-88)
Partes do corpo humano	Questionário semântico-lexical sobre o corpo humano (questões 89-120)
Nomes para “embriaguez”	Questionário semântico-lexical sobre convívio e comportamento social (questão 144)
Nomes para “criança”	Questionário semântico-lexical sobre os ciclos da vida (questão 132)
A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte	Questionário semântico-lexical sobre os ciclos da vida (questões 121-135)
Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questão 50)
Estudo linguístico-etnográfico da casa	Parcialmente. O questionário semântico-lexical sobre a habitação (questões 168-175)
Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questões 54-56)
A caça	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre alimentação e cozinha (questão 182)
Estudo linguístico-etnográfico das medidas	Parcialmente. Questão 21 do questionário morfossintático (grande x pequeno); questões 34-38 do questionário semântico-lexical (tempo)
Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade	O ALiB como um todo
Estudo das isoglossas do fonema S	O questionário fonético-fonológico como um todo
A canoa	Parcialmente. Apenas a questão 51 do questionário fonético-fonológico
A alimentação	Questionário semântico-lexical sobre alimentação e cozinha (176-187)
As plantas	Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questões 39-51)

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos questionários do ALiB (ALiB, 2001).

Observando o Quadro 2, é possível perceber que os temas apontados por Silva Neto (1957[1955]) foram contemplados, mesmo que parcialmente, em algum trabalho. Um único estudo, o ALiB, reuniu todas as sugestões, bem como outras não indicadas pelo autor. Contudo, é importante considerar que a parcialidade indica que o tema não foi ex-

plorado de modo consistente (no caso, no ALiB), necessitando de aprofundamento – ou mesmo de um trabalho denso que possa ser chamado de “estudo linguístico-etnográfico” –, considerando que não foram encontradas pesquisas dessa natureza.

## 7 Considerações finais

A obra de Serafim da Silva Neto (1957[1955]), mesmo após meio século de publicação, ainda pode ser considerada como atual e fundamental para os estudos dialetológicos no Brasil. Para o estado de Santa Catarina, o autor indicou inúmeros estudos possíveis de serem realizados, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das pesquisas sobre a língua no espaço catarinense.

A pesquisa mostrou que as sugestões apresentadas pelo autor em 1955 já foram contempladas, mesmo que parcialmente em algum dos estudos evidenciados neste artigo: seja em algum dos macroprojetos, como o ALiB, ou nos estudos de menos abrangência, como as dissertações e teses. Esse resultado evidencia o grande esforço dos pesquisadores em mapear não somente o estado catarinense, mas também em compreender a língua para além dos limites interestaduais.

Apesar do cenário positivo apresentado, o estado de Santa Catarina ainda carece de estudos dialetológicos mais abrangentes com relação às línguas indígenas, que são inúmeras e estão presentes em diversas cidades do território. Esse é um trabalho para os próximos anos e exigirá grande empenho das universidades e pesquisadores, considerando a ampla abrangência do estudo, assim como de importantes investimentos financeiros por parte dos governos e agências de pesquisa.

## Referências

ALERS. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ALIB. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: ALiB, 2020. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ALMA. *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)*. O que é o *Projeto ALMA?* Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BERNIERI, S. R. *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linuísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC 2017.

BONATTI, M. O. *dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia linguística*. 1968. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968..

BORTOLOTTO, P. C. M. *O “talian” na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2015.

BOSO, I. M. *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992..

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Alfa*, São Paulo, n. 18/19, 1973.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 233-255, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mar. 2020.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FORNARA, A. E. *Aspectos do bilinguismo deitsche-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2019..

FURLAN, O. A. *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, 1982. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.

FURLAN, O. A. *Influência Açoriana no português do Brasil e em Santa Catarina*. Florianópolis, SC: UFSC, 1989.

GUBERT, A. L. *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

IORDAN, I. *Introdução à linguística românica*. Tradução de Júlia Dias Ferreira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

KAUFMANN, A. *Manutenção do deitsch e deutsch em contato com o português em Mondai/SC e Saudades/SC*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN. Cléo Vilson (Org.). *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002a. v. 1. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291). Acesso em: 15 mar. 2020.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN. Cléo Vilson (Org.). *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002b. v. 2. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291). Acesso em: 15 mar. 2020.

LENARD, A. *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*. 1976. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

MARGOTTI, F. W. *Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MENGARDA, E. J. *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953[1922].

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, 2013.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudo Linguísticos) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2015.

ROMANO, V. P. Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, p. 103-145, 2018.

RUSCHEINSKY, E. W. *“Uma vez falando em alemão”*: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2019.

SPESSATO, M. B. *Marcas da história*: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2001.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957[1955].

VANDRESEN, P. *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*. 1974. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1974.

VARFUL. Variação Linguística na Região Sul do Brasil. *Projeto VARFUL*. Porto Alegre: PUC/RS, 2020. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=37#self>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WEHRMANN, C. *A situação do alemão em Tunápolis e Cunha Porã, Santa Catarina*: dimensão diarreligiosa. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

ZANELLA, F. *A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió - SC*. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.



Data de submissão: 13/10/2020

Data de aceite: 18/06/2021